

A representação da resistência e da identidade da mulher negra nos contos “Das águas”, de Cristiane Sobral e “Quando parei de mandar beijos”, de Taís Espírito Santo

Maria Julieta Dias Gonçalves¹

Debora Maria da Silva²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Campus avançado Prof.^a. “Maria Elisa de Albuquerque Maia

Julieta.jujuh05@gmail.com

Deborasilva161@hotmail.com

RESUMO: Este artigo teve como objetivo fazer uma análise sobre a forma como é representada o ato de resistência e a construção da identidade feminina negra nos contos: “Das águas”, da escritora Cristiane Sobral, e “Quando parei de mandar beijos”, de Taís Espírito Santo, retirados da obra *Olhos de Azeviche*. Assim sendo, as análises e discussões presentes neste trabalho compartilham as reflexões teóricas de: Hall (2006), Souza (1983) e Fanon (2008). Ressaltamos como a identidade da mulher negra é afetada a partir das experiências racistas vivenciadas por esta mulher em espaços de poder negados historicamente a população negra. Analisamos e concluímos que no conto “Das águas”, da escritora Cristiane Sobral, é representado uma mulher negra que constrói sua identidade negra exaltando e amando seus traços negros. A personagem também possui amor e respeito pelo seu povo negro, logo, ela encontra nesse mesmo povo e em Oxum a força que ela precisa para sobreviver ao racismo. Essa mesma mulher negra ao ocupar uma universidade é obrigada a resistir para sobreviver em um ambiente predominantemente branco e racista, que tenta destruir sua identidade negra. No conto “Quando parei de mandar beijos”, de Taís Espírito Santo, a personagem principal é uma mulher negra que sofreu profundamente com o racismo, como consequência, o simples ato de mandar beijos se tornou algo impossível, porque sua boca carnuda foi considerada algo desprezível pelos brancos presentes na escola em que ela estudava.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade negra, Resistência, Cristiane Sobral, Tais Espirito Santos, Literatura afro-brasileira.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as literaturas produzidas por mulheres negras brasileiras vêm sendo investigadas por inúmeros pesquisadores. Autores como Dalcastagné, Duarte, Constância Duarte, Cuti, Conceição Evaristo, Felisberto e Figueiredo apresentam essa preocupação. Em seus trabalhos eles discorrem sobre as

especificidades e o valor estético, literário e político dessas produções literárias, ainda, elencam as dificuldades enfrentadas por esses escritores no campo literário.

Já, as questões que envolvem a identidade, são bastante recorrentes na área dos estudos literários, muitas pesquisas de análise da representação da identidade no texto literário são feitas com base em autores como Hall, Glissant e Bauman que possuem teorias sobre a identidade e sua transformação ao longo do tempo.

Partindo dessas reflexões sobre literatura de autoria negra e identidade resolvemos que, neste trabalho, a preocupação se volta para a investigação da literatura de autoria feminina negra brasileira, especificamente, investigar a representação da resistência e do processo de construção da identidade de personagens femininas negras, representadas em duas produções literárias presentes na obra *olhos de azeviche*, que reúne uma coletânea formada por contos e crônicas de dez escritoras negras brasileiras, são elas: Ana Paula Lisboa, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães, Miriam Alves, Cidinha da Silva, Cristiane Sobral, Fátima Trinchão, Lia Vieira e Tais Espírito Santo.

O conceito adotado neste trabalho para designar as literaturas das autoras supracitadas é denominado de afro-brasileira, que tem como diferencial uma literatura de autoria negra que reflete as percepções de mundo desses autores, é uma produção literária construída a partir de um local de fala, de vivências de sujeitos historicamente marginalizados na sociedade brasileira. Portanto, essa literatura é marcada por uma subjetividade negra que cria representações diversas e humanizadas do sujeito negro. Deste modo, as produções literárias de autoria negra feminina com representações de pessoas negras que pretendemos analisar futuramente, não são construídos através de estereótipos racistas, que representam esses sujeitos destituídos de uma identidade própria e afetividade, transformando-os em objetos.

Neste artigo existiu a preocupação em apresentar uma nova forma de construção e representação da identidade negra na literatura, com um novo ponto de vista, principalmente, uma identidade negra fragmentada, híbrida, múltipla, ou seja, o negro teve sua identidade apagada devido ao processo de escravidão em que foi mantido e, depois, deste período, ainda luta para (re) construir sua identidade. Esse sujeito também teve sua voz silenciada e identidade subjugadas aos padrões brancos na literatura brasileira, mas com o surgimento da literatura afro-brasileira o negro teve a oportunidade de falar por si, de sair da margem em que foi colocado, de construir sua identidade negra, de representar essa identidade que por muito tempo foi negada, apagada. A identidade do negro na literatura afro-brasileira é representada pelo próprio negro e não pelo branco.

METODOLOGIA

Partimos do pressuposto de que, utilizaremos no nosso trabalho a o método de abordagem dedutivo que para Martins (2011, p.34) “Parte da premissa antecedente (valor universal) e chega ao consequente (conhecimento particular) ”. Esse método parte de um assunto geral para as particularidades deste assunto, de tal modo, partimos de estudos abrangentes já existentes sobre a temática da nossa pesquisa para buscar investigar algo mais específico, ou seja, partimos do geral que é identidade e resistência para investigar a identidade feminina negra e a resistência da mulher negra que são coisas específicas.

O método de procedimento e de análise do objeto da nossa pesquisa é de caráter bibliográfico, segundo Andrade (2007, p.115) “A pesquisa bibliográfica utiliza fontes secundárias, ou seja, livros e outros documentos bibliográficos”. Além disso, se torna necessário a pesquisa bibliográfica, principalmente, pelo fato do objeto deste trabalho ser uma obra literária. Portanto, através desse método será possível analisar esse *corpus* baseado em documentos publicados sobre as temáticas que pretendemos investigar.

O *corpus* da nossa pesquisa é constituído pelos contos “Das águas” de Cristiane Sobral e “Quando parei de mandar beijos” de Tais Espirito Santo, presentes no livro *Olhos de azeviche*. Utilizaremos livros de teoria pós-colonial, estudos culturais, feminista e literatura afro-brasileira, para o entendimento e análise do *corpus*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto “Das águas” de Cristiane sobral, nos apresenta a personagem Omi, mulher negra, que estabelece uma relação afetiva aprofundada com a sua ancestralidade e, admira a resistência de seu povo, como podemos perceber no fragmento da narrativa a seguir: “sentia que a força dos seus estava a inspirar seus passos” (SOBRAL, 2017, p.50). Desde o início da narrativa a personagem demonstra que está cansada, fadigada, corpo exausto e “carrega nos ombros” um peso, que ao longo da sua trajetória narrada na obra iremos descobrir como sendo o peso causado por ser uma mulher de pele negra retinta, odiada por ser negra e consequentemente fora do padrão de beleza e ,além disso, é estudante de medicina, que é um curso considerado de elite e de brancos pela sociedade brasileira, portanto, ela ocupa um espaço acadêmico elitizado, na qual, sempre foi negado as pessoas como Omi.

É essencial em nossa análise discutirmos sobre resistência, que é uma temática central na obra supracitada e, é um termo que remete a uma nova

forma de existir de resistir e é usado exaustivamente no movimento negro e no feminismo negro, pois, compreende-se que é um termo que resume a luta dos negros, em constante tentativa de existir e resistir em uma sociedade racista, marcada pelo ódio e genocídio contra a população negra.

Nós podemos observar a resistência da personagem na passagem a seguir: “Faria tudo por sua gente, por seus saberes, administrava a resistência do seu povo mantedor de tradições culturais e religiosas ao longo dos séculos.” (SOBRAL, 2017, p.49). Por conseguinte, a resistência de Omi também ocorre quando ela continua a manter uma relação com sua ancestralidade representada através do seu povo preto e das religiões de matriz africana, pois a sociedade racista e com resquícios da colonização tenta constantemente impedir o surgimento de relações de amor entre os negros e o respeito e o conhecimento sobre a sua religiosidade ancestral. Além disso, existira também a resistência pelo fato da personagem ser uma mulher negra que ingressa em uma universidade como estudante de medicina.

A partir do posicionamento, do pensamento e da consciência racial da personagem, interpretamos que seu amor e respeito pelo seu povo negro a faz sonhar que através da sua formação acadêmica e do exercício da sua profissão de médica poderá oferecer assistência aos negros, principalmente, aqueles marginalizados pelo estado e sociedade. Omi tem a consciência que só conseguiu ocupar o espaço acadêmico por causa da luta do seu povo negro, e, assim, ela sente que tem o dever de retribuir.

Logo no início da narrativa, a personagem é descrita como: “Suas medidas, suas curvas, eram excessivas para o molde. Sua pele fora tingida com muita melanina. Os cabelos, fortes, crespos, apontavam para o alto, não balançavam com o vento” (SOBRAL, 2017, p.49). Neste momento, podemos perceber a valorização da negritude, da estética negra que não é considerado o padrão de beleza hegemônico que é branco e racista, é possivelmente por isso que a autora utiliza o termo molde para afirmar que a personagem negra retinta, gorda e com cabelos crespos não se encaixa no molde que provavelmente aponta para o padrão de beleza branco considerado único.

A narradora afirma que a personagem vivia em: “Um país de modelos europeus predominantes, cada vez mais esqueléticos, diria. Nenhum desses adjetivos lhe cabia” (SOBRAL, 2017, p.49). Percebemos tanto na descrição física da personagem quanto na narração da narradora da história, uma representação e uma discussão sobre o padrão de beleza. A partir disto, resolvemos trazer Gomes (2008), que aborda o processo de criação do padrão branco como o único padrão de beleza a ser

seguido e as consequências na vida dos negros. Desta forma a autora alega:

[...] construiu-se um padrão hegemônico de beleza e proporcionalidade baseados na Europa colonial. A partir de então que, quando aplicamos o conceito de beleza ao corpo, passamos por um processo muitas vezes rígido de classificação e hierarquização, e a aparência física passa a carregar significados ligados a atributos negativos ou positivos. (GOMES, 2008, p.234, 235).

Deste modo, ao criar esse padrão de beleza cria-se com ela a hierarquização de beleza, não é difícil imaginar qual a beleza considerada inferior, elegida como feia, obviamente, a beleza negra. De tal modo, o Brasil, por exemplo, seguiu esse padrão e estabeleceram que todos deveriam buscar se encaixar neste padrão branco, excluindo completamente a diversidade dos corpos e das belezas dos povos brasileiros. A mídia se torna uma das grandes responsáveis pela propagação desse modelo branco.

A personagem é obrigada a conviver e a enfrentar o racismo por parte dos seus colegas que não conseguem aceitar o fato de estar dividindo a sala de aula de um curso superior, especificamente, medicina, com uma mulher negra e gorda. Sobral (2017) ao longo da narrativa nos apresenta situações vivenciadas por Omi na qual ela enfrenta desde criança o preconceito, a rejeição por ser uma menina preta. Todas essas situações de racismo que a personagem enfrenta é perceptível quando no dia do trote dos calouros seus colegas a chamaram de: “- macaca! Bombril! Nega maluca! Filha da senzala!” (SOBRAL, 2017, p.49). Consequentemente, com esses insultos eles começaram uma tentativa de desumanizá-la. Omi percebe que: “ Não era bem-vinda. Doía sim, por que desumanizava, agredia. Ela que sempre fora tratada com carinho. ” (SOBRAL, 2017, p.49). Deste modo, percebemos que o fato da personagem ser a única negra na turma, estar rodeadas por brancos em um curso de elite feriu completamente a branquitude racista que não consegue aceitar e conviver com a presença de uma mulher negra, isto é, não aceitam a existência de uma mulher negra que não existe para servi-los, não está em posição de subalternidade.

Esses momentos vivenciados pela personagem nos levaram a recorrer a Fanon (2008), que analisa a relação entre o branco e o negro, colonizador e colonizado, respectivamente. O autor discorre sobre os arquétipos, estereótipos e a percepção que o branco cria e tem do negro. Ele afirma: “ O branco está convencido de que o negro é um animal[...] ele tem a necessidade de se defender deste “diferente”, isto é, de caracterizar o outro. O outro será o suporte de suas preocupações e de seus desejos. ”

(FANON,2008, p.147). Essa afirmação do autor supracitado retrata o pensamento dos colegas brancos da personagem, pois, ao chama-la de macaca, eles estão exteriorizando a sua percepção sobre uma mulher negra, essa percepção é racista e impedi que eles enxerguem e acreditem na humanidade de Omi, para eles, ela é um animal.

Mesmo que Omi: “Gostava muito de ser como era” (SOBRAL, 2017, p. 49), possui orgulho de si mesma e constrói e afirma uma identidade negra, ao sair de sua casa e encontrar com o outro, percebia o quanto é odiada, ou seja, por causa do racismo constante e diário dos seus colegas brancos ela começa a duvidar da sua própria beleza, começa a se sentir frágil, começa a sofrer por ser negra e não se encaixar em um padrão de beleza muito longe do seu alcance. Podemos observar sua fragilidade na passagem a seguir: “Ao sair de casa, o preconceito e o racismo já estavam de pé a sacudir, com cinismo, as suas certezas. ” (SOBRAL, 2017, p.50).

Portanto, os insultos racistas que Omi recebe a machucam emocionalmente, contudo é importante salientar que não a fizeram odiar suas curvas acentuadas e seus traços negros como, por exemplo, o seu cabelo e a sua cor de pele. A personagem aprendeu que os traços que a fazem negra é motivo de orgulho e foi a partir desses traços que ela construiu sua identidade de mulher negra, valorizando e amando cada parte de si.

Em um dia no caminho para a universidade, completamente cansada, Omi escutou o pedido do seu corpo e coração que clamava por um banho de rio, assim como era constante quando morava no interior em sua comunidade negra. No rio não encontrou sua imagem, mas a de oxum através de águas de tom amarelo, Omi sentiu Oxum, seu poder, seu amor, sua energia. Ao mergulhar nas águas, ela sentiu que estava em processo de renascimento, assim sendo, ao sair das águas:

[...] sentiu-se única, completa. Oxum seguia a sua frente, a abrir caminhos. Não viveria a sombra de qualquer solidão. Fortalecida, Omi estava pronta a ocupar o espaço, o seu lugar na terra. Ao enxergar sua imagem nos espelhos de Oxum viu seus antepassados em sua terra distante em algum pedaço do imenso solo africano, seu povo guerreiro vivendo em tempos de fartura, de produção de conhecimentos e dignidade humana. Sua identidade, antes fragmentada, foi enfim revelada. Com oxum, pode, enfim, recuperar sua beleza roubada, encontrar-se no seu íntimo. Nunca mais deixaria de admirar a própria beleza em seus espelhos negros. (SOBRAL, 2017, p. 51,52.).

Neste momento da narrativa, a personagem vivencia de certa forma uma experiência de renascimento e de fortalecimento. Ao vivenciar na

faculdade a completa solidão e rejeição por ser quem é, a personagem começou a ficar fragilizada, começou a esquecer por alguns momentos quem ela é e quais são seus objetivos e sua luta. Ela se permitiu por poucos momentos ser “fraca”, não lutar, algo constantemente negado as mulheres negras que se veem obrigadas pelo racismo a resistir sempre e jamais se permitir experimentar e viver coisas tão humanas como desistir e fraquejar.

Desse modo, ao encontrar Oxum ela se fortalece, volta a se ver como sempre ela tinha se enxergado como uma mulher negra forte, bela, inteligente e que poderia conquistar o que quisesse na vida. O lugar que ela ocupa é dela e jamais alguém conseguira que ela duvide de si mesma e que o lugar que ela ocupa não lhe pertence. Ao se conectar com sua ancestralidade que é o seu povo preto, África e Oxum ela recupera sua negritude, recupera a fé em si mesma, recupera e volta a construir sua identidade negra que jamais voltara a ser afetada pelo outro.

Agora, a personagem termina seu encontro com Oxum e com seu eu interior totalmente recuperada, voltando a olhar em “ seus espelhos negros” e jamais para os espelhos brancos que tentam distorcer sua identidade, sua imagem, sua beleza e, principalmente, tenta destruir seus espelhos negros, que acreditamos que representa sua identidade negra, sua negritude, sua saúde emocional, sua ancestralidade.

Portanto, descobrimos ao final da trajetória de Omi a origem e a manutenção da sua força, que vem da sua religiosidade, ela encontra na religião de matriz africana o candomblé e no seu encontro com a divindade mãe Oxum sua grande força para continuar a enfrentar uma sociedade racista e não desistir de ocupar um espaço tão importante para ela que é a universidade.

Ao analisar como a personagem constrói sua identidade negra a partir da sua existência e das suas vivências enquanto mulher negra é necessário recorrer a Munanga (1986), que defende que para o negro construir uma identidade negra é preciso: “ Assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho para o negro. ” (MUNANGA, 1986, p.44). A partir desta perspectiva, conclui-se que para o autor o negro que possui uma identidade negra deve ressignificar a palavra negro, tendo em vista que o termo negro sempre foi considerado pela sociedade racista um sinônimo de sujeira e dentre outras características negativas.

O sujeito negro se apropria do termo negro e lhe atribui aspectos positivos que tem como objetivo mostrar ao mundo e a si mesmo que ser uma pessoa negra deve ser exaltado e é sinônimo de beleza, força e muita luta. Todo esse

processo de construção de uma identidade negra é vivido por Omi quando ela afirma que é negra, pensa e valoriza seu povo e quando tem consciência da importância de ocupar uma faculdade e quando encontra Oxum e sai desse encontro completamente fortalecida para enfrentar uma sociedade racista.

O ato de mandar beijos é considerado socialmente algo normal, corriqueiro, fácil mas não é visto como um ato fácil no conto “Quando parei de mandar beijos” da escritora Tais Espirito Santos, pois, a personagem principal do conto é uma mulher negra, que sofreu profundamente com os impactos do racismo, como consequência o simples ato de mandar beijos se tornou algo impossível, dolorido. O conto se inicia a partir do questionamento de uma mulher negra que em uma situação na qual teria que mandar um beijo a uma amiga não consegue, essa mulher negra percebe que a muito tempo não consegue mandar beijos para ninguém, esse fato faz com que o leitor acompanhe os questionamentos e os acontecimentos na vida desta mulher que a fizeram não mandar beijos.

Ao ler um livro sobre traumas da infância e como esses traumas podem influenciar e moldar a vida adulta, a personagem começa a analisar e pensar sobre sua infância e adolescência que a fizeram parar de mandar beijos, assim sendo, a personagem revive acontecimentos traumáticos de sua vida, permeados pelo racismo que a marcou profundamente.

A personagem estudou em escola particular, bolsista, existiam poucos negros na escola, ela era a única negra em sua sala de aula e se destacava no colégio por ser negra de pele escura. Assim, ela lembra de como era tratada na escola, ou melhor, como era destratada na escola, humilhada, rejeitada

Em um dia quando a personagem tinha uns 11, 12 anos foi para a cantina receber a merenda, observou atentamente a revista que a cozinheira estava que retratava na capa a boca de um negro, um índio e um branco e assim ela estava se reconhecendo na boca do negro e gostando, quando de repente a cozinheira olha para ela e diz: “nossa, que boca feia, grande, boca preta, olha isso aqui no meio, que nojo. Sempre achei boca de negro nojenta. Eu não beijaria uma boca dessas”(SOBRAL, 2017, p. 148) com esse acontecimento todos ao redor começaram a rir e a concordar com a cozinheira, fazendo com que a personagem se sentisse mal por perceber que aquela boca que todos desprezavam parecia com sua boca, assim, foi a primeira vez que a personagem percebeu que sua boca poderia despertar nojo, desprezo a alguém, assim ela começou a sentir que sua boca era feia, nojenta, desprezível, grande demais, começou a esconder sua boca, não conseguia rir

sem esconder sua boca, uma parte sua que até então era motivo de orgulho passou a lhe causar desconforto, dor e motivo de vergonha, sua boca passou a ser motivo de piadas racistas das pessoas da escola, principalmente seus colegas, os meninos que ela se interessava.

Todo esse processo representado no conto em que o branco rejeita, despreza traços tão comumente associados aos negros e como isso pode acabar afetando a saúde do negro e até mesmo sua identidade e auto estima é analisado e discorrido por Fanon (2008) que afirma: “O negro é o símbolo do mal e do feio. Cotidianamente, o branco coloca em ação está logica.” (FANON,2008, p.154). Portanto, percebe-se que o branco ao tentar desumanizar o negro, ao atribuir ao negro estereótipos racistas, ao criar mitos sobre o negro pode construir um ambiente propício para fazer o negro rejeitar a si mesmo.

No conto “Quando parei de mandar beijo” a autora retrata uma mulher negra que ao vivenciar o racismo sai dessa experiência completamente machucada, e até mesmo traumatizada psicologicamente, esse trauma é manifestado pela rejeição ao corpo negro, rejeição aos seus traços, ao seu cabelo crespo de negro, mas é uma personagem que busca uma forma de destruir os impactos devastadores do racismo em sua vida, esses impactos sentido pela personagem é discutido no livro Tornar-se negro de Neusa Santos, na qual, ela debate sobre as consequências do racismo na vida emocional e na identidade dos negros, assim, segundo Santos:

A violência racista do branco exerce-se, antes de mais nada, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito negro. Este através da internalização compulsória e brutal de um ideal de ego branco, é obrigado a formular para si um projeto identificatório incompatível com as propriedades biológicas do seu corpo. Entre o ego e seu ideal cria-se, então, um fosso que o sujeito negro tenta transpor, as custas de sua possibilidade de felicidade, quando não de seu equilíbrio psíquico. (SOUZA, 1983, P.2,3).

Sendo assim, podemos perceber que o racismo impede o negro de estabelecer uma relação de amor com seu corpo negro, o corpo e a imagem que o sujeito negro tem de si são fundamentais para a formação da identidade deste sujeito. A imagem e a identificação que o sujeito tem de si é criada por meio da dor, prazer, segundo Santos, assim, se o corpo te faz sofrer a tendência natural é o surgimento da rejeição a esse corpo, para assim, o sujeito tentar esquecer essa dor para continuar a sobreviver, essa relação de rejeição é vivenciada pela personagem que ao ter uma parte do seu corpo negro rejeitado pelos outros criando assim dor

para ela a sua saída foi rejeitar também essa parte do seu corpo que é motivo da sua dor.

As consequências da violência racista na vida, na mente, na identidade e na autoestima do negro de que fala Fanon (2008) e Souza (1983) pode ser percebido no fragmento do conto a seguir:

Não me sentia bonita, chorava muitas vezes em frente ao espelho, quando chegava aos lugares colocava minhas mãos na frente deste monstro[...] reconhecia-me e não me amava, sabia que era negra e também já sabia o peso de ser negra numa sociedade extremamente racista onde tudo que o negro fez, construiu, tudo que ele é, é visto como se não tivesse nenhuma beleza ou importância. (SOBRAL, 2017, P. 149)

Portanto, concluímos neste momento que a personagem enfrenta situações de racismo que moldam e marcam profundamente sua identidade, pois, os brancos ao considerar sua boca carnuda como algo desprezível e nojento mudou completamente a percepção que a personagem tem de sua própria boca, seu olhar muda, começa a acreditar que sua boca é feia, que os brancos têm razão. De tal modo, que a personagem não consegue ao longo da sua vida destruir completamente essa percepção racista da sua boca, mostrando assim o quanto o racismo é resistente, e o quanto as consequências na autoestima e identidade do negro são profundas, e podem acompanhar esses negros para sempre. No caso da personagem, ela foi obrigada a deixar de fazer algo simples como mandar beijo por causa de uma violência causada pelo racismo.

No ensino médio as piadas e o desprezo continuaram, ela continuava a ser menosprezada pelos meninos, não recebia elogios, a diferença é que: “ [...] apesar disso, sempre gostei de tranças e penteados afro, marcas da minha negritude” (SOBRAL, 2017, p. 149). A partir desta perspectiva, compreendemos que mesmo ela sofrendo com pessoas racistas, todo esse ódio, rejeição não a fizeram destruir sua identidade negra. A sua identidade negra é preservada quando ela consegue manter a sua negritude, compreender que sua negritude faz parte de quem ela é, a manter significa amar a si mesma.

A sua situação só foi mudar quando ela ingressou na faculdade “ [...] ao invés de gracinhas maldosas eu recebia elogios pela minha boca, minhas tranças e tudo que era meu. Eu passei a ser notada, chamada de bonita, linda e estilosa. Beijão passou a ser chamada de lábios carnudos, a ser uma mulher inteligente, charmosa e bela.” (SOBRAL, 2017, P. 149). Neste momento da narrativa, constatamos uma significativa mudança na vida da personagem, diferentemente da personagem Omi, protagonista do conto “Das águas”, a personagem analisada agora encontra no espaço acadêmico um

ambiente acolhedor, um ambiente que exalta suas características físicas de uma mulher negra, sua identidade. Ao estar neste ambiente parcialmente desconstruído de preconceitos a personagem consegue encontrar o apoio e o acolhimento que precisava para destruir os traumas violentos que o racismo deixou em sua mente e corpo enquanto era criança e adolescente. Sua identidade negra encontrou um espaço para de fato conseguir se expandir.

Quando a personagem reparou os motivos que a fizeram parar de mandar beijos, começou um exercício constante de derrubar esses traumas tão distantes e se permitir ser livre para mandar beijos. Na história da personagem negra do conto “Quando parei de mandar beijos” podemos perceber a complexidade existente na relação de aceitação/rejeição que o negro tem com seu corpo ao longo da vida em um país no qual o padrão estético de beleza e de humanidade é o que se aproxima do branco, com traços finos “delicados”, fugindo completamente dos traços ostentados pela personagem.

A partir dos estudos realizados por Hall (2006), que afirma: “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento ” (HALL, 2006, p.38). Percebemos que o processo construção da identidade da personagem jamais será concluído. Mesmo sendo negra sua identidade negra passou por várias mudanças ao longo do tempo. Quando criança, no início da construção de sua identidade, ela foi interrompida e, totalmente afetada pelo racismo, a percepção de si mesma mudou, a construção do orgulho e do amor a sua negritude foi parcialmente destruída. Na adolescência ela volta a construir aos poucos uma identidade negra, mas ela só será de certa forma parcialmente solidificada na vida adulta.

CONCLUSÃO

Podemos perceber que nas duas narrativas analisadas neste trabalho as personagens femininas negras ocupam o espaço de poder que é a universidade, espaço negado a população negra, mas esses espaços são vistos de maneiras distintas por essas duas mulheres negras. Para Omi a universidade ao mesmo tempo que significa a oportunidade de crescimento, de ascensão social e uma forma de honrar seus antepassados significa também, um espaço que lhe traz muita dor, motivo de fazer seu corpo se tornar exausto, faz com que ela mesmo sendo uma mulher negra que aprendeu a amar seu corpo, sua pele, seu cabelo, diante dos olhares de desprezo dos brancos de sua universidade, começa a se sentir mal, a sentir que sua autoestima e confiança estão abaladas.

Omi começa a olhar no espelho e ver uma imagem distorcida de si mesma, uma imagem construída não por ela, mas, pelos brancos racistas incapazes de enxergar a humanidade e a multiplicidade de Omi. Assim sendo, a personagem só consegue restaurar sua identidade de mulher negra, sua autoestima através de Oxum e seu espelho que revela a Omi sua verdadeira imagem, sem distorção, revelando a fisionomia de uma mulher negra de pele retinta, curvas avantajadas que a tornam grande, cheia de beleza, um ser humano abençoado pelas águas de Oxum.

Em paralelo a história de Omi e sua luta para continuar em um espaço acadêmico racista, está a história da personagem feminina negra construída no conto “Quando parei de mandar beijos” em que diferente de Omi, encontrou no espaço acadêmico um local em que ela pudesse se sentir amada e acolhida, pudesse construir sua identidade negra em um espaço na qual seus traços negroides, e principalmente sua boca que antes era motivo de dor, se tornar um motivo e um símbolo de beleza e força, fez com que a personagem percebesse que não existe nada de errado com sua boca. As pessoas racistas que ela encontrou na adolescência que a fizeram odiar uma parte do seu corpo negro não devem mais impedir que a personagem faça algo tão simples como usar sua boca para mandar beijos.

Portanto, percebemos que os espaços de poder ocupados pelas personagens negras nesses dois contos vivenciam situações diferentes. Esses espaços são fundamentais para construir e reconstruir a identidade dessas mulheres, pois, eles influenciam na percepção que elas têm de si mesmas, seja para fazer com que uma delas duvide de sua beleza e inteligência e a outra para aflorar a consciência de que os seus traços possuem beleza, e eles jamais serão desprezíveis, feios e, sim, deve ser visto como algo belo que a constitui enquanto mulher negra.

REFERENCIAS

AZEVICHE, Olhos de: dez escritoras negras que estão renovando a literatura brasileira- contos e crônicas/ Ana Paula Lisboa...[et al]- Rio de Janeiro: Male, 2017.

FANON, Frantz *Pele negra, Mascaras brancas*. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: UFBA, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tadeu da silva-11 ed.- Rio de janeiro,2006.

SOUSA, N. S. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: edições Graal, 1983.